



Por um ensino de Ciências e Biologia corajoso no enfrentamento ao racismo

JUN/2021

De tempos em tempos, torna-se necessário recordar que, para além de se pensar a respeito do desenvolvimento de abordagens didáticas relacionadas ao trabalho pedagógico com conhecimentos científicos em espaços escolares e não escolares de aprendizagem, cabe também ao ensino de Ciências e Biologia promover a formação crítica, cidadã, democrática e plural da população. Apesar da polissemia desses termos, talvez já possamos considerar como um quase consenso que o emprego destes implica no combate aos preconceitos e discriminações de quaisquer tipos. O que então significa um ensino de Ciências e Biologia disposto a se intitular como antirracista e promotor das diferenças étnico-raciais?

Em comunicado oficial realizado pela SBEnBio em 05 de junho de 2020, o inspirador texto redigido pela Prof^a. Kelly Meneses Fernandes nos apontou questões e perspectivas sobre as quais não apenas podemos, mas, principalmente, devemos nos debruçar se almejamos concretizar a construção de práticas de ensino realmente antirracistas e emancipatórias. Não pretendemos ser repetitivos, mas consideramos pertinente reafirmar os graves riscos envolvidos quando atividades educativas ignoram as chagas do racismo que sangram cotidianamente na sociedade brasileira. Desta forma, quais os lugares que os corpos negros, periféricos, pobres e marginalizados ocupam em nossos processos e modelos formativos? De que maneira problematizamos as desigualdades étnico-raciais, refletimos sobre os preconceitos historicamente alicerçados e enfrentamos o racismo que não para de aniquilar as juventudes negras? Como nossas aulas e encontros com o outro fomentam a desconstrução do mito da democracia racial no Brasil, que segue fazendo vítimas e silenciando pautas identitárias urgentes?

Essas perguntas insistem em ecoar para nosso campo de ensino e investigação, pois não poderão ser caladas enquanto os disparos das armas de fogo, os grilhões e correntes que escravizam e os roncões dos estômagos famintos continuarem repercutindo nos tempos, espaços e culturas onde nos inserimos. Diante das políticas públicas educacionais que vêm relativizando e contribuindo para o apagamento das discussões étnico-raciais, refletindo o acirramento das lógicas neoliberais e conservadoras que atravessam nosso país, precisamos nos juntar às vozes que bradam por justiça social e ambiental para todos e todas, sem distinções ou novas formas mais requintadas de colonização.

Nesta tarefa permanente de construção de uma educação libertadora e busca pela superação das desigualdades econômicas que levam à obscena concentração de renda em nosso país, não devemos mascarar os recortes raciais e de gênero que marcam o passado-presente colonial brasileiro. Ao ensinar Ciências e Biologia, principalmente nas periferias das cidades ou nas escolas do campo, não estamos diante de uma massa uniforme de marginalizados, explorados excluídos. Se

todos eles e elas estão sob o jugo das forças de exploração e coisificação do capital organizado, os corpos negros são cotidianamente destituídos não apenas de sua dignidade, mas até mesmo de sua humanidade. Enquanto educadores e educadoras, não nos é permitido omitir ou negar a horrenda perpetuação histórica das violências contra as diferenças, convertidas em desigualdades e assimiladas em racismo estrutural. Nos abatedouros de sacrifício ao deus mercado, *a carne mais barata é carne negra*, como nos canta Elza Soares. Afinal, nossas alunas e alunos, pensando junto Caetano e Gil, *são quase todos pretos ou quase pretos ou quase brancos, quase pretos de tão pobres*.

Perante o racismo estrutural e institucional velado que muitas vezes faz com que velemos os corpos de nossos alunos negros e de nossas alunas negras, que não nos calemos e reunamos força para revertermos esse quadro aterrador. E que a SBEnBio, enquanto Associação alicerçada por um coletivo plural e vivo de docentes em formação e em profissão, que não se cansam de anunciar presentes e futuros outros, prossiga como sendo esse ousado *locus* de afetos e esperanças que fortalecem os urgentes enfrentamentos às violências das mais variadas formas contra as populações negras e indígenas, mesmo em um cenário desafiador e, tantas vezes, desolador.

Emmanuel Duarte Almada
Associado à SBEnBio
Kaipora – Laboratório de Estudos Bioculturais
Universidade do Estado de Minas Gerais

Rodrigo Cerqueira do Nascimento Borba
Associado à SBEnBio
Kaipora – Laboratório de Estudos Bioculturais
Universidade do Estado de Minas Gerais